

## **Realidade e lenda do bolchevismo**

Oswaldo Coggiola<sup>1</sup>

### **Resumo:**

O objetivo do artigo é demonstrar que a devida compreensão do bolchevismo passa necessariamente pela retomada analítica da própria história do movimento operário e da Revolução Russa. Com este objetivo, o autor ressalta, em primeiro lugar, o caráter político-ideológico das interpretações sobre a história do bolchevismo, e procura argumentar que este se perfilou como uma corrente histórica e política diferenciada das outras correntes socialistas (inclusive internacionais) para além das intenções iniciais dos seus fundadores. Para isso, discute o papel de Lênin na constituição do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) e também as polêmicas que travou com outras lideranças da época, em especial, Trotsky e Rosa Luxemburgo. Tais embates e divergências repercutiram diretamente no perfil histórico do partido que tomou o poder em outubro de 1917.

**Palavras-chave:** Bolchevismo; Lênin; Trotsky.

## **Reality and legend of Bolshevism**

### **Abstract:**

The purpose of the article is to demonstrate that the proper understanding of Bolshevism necessarily involves the resumption of the very history of the workers' movement and the Russian revolution itself. With this aim in mind, the author first emphasizes the political-ideological character of the interpretations of the history of Bolshevism and seeks to argue that Bolshevism has emerged as a historical and political current differentiated from other socialist (including international) currents, beyond the initial intentions of its founders. Also discusses Lenin's role in the constitution of the POSDR, as well the controversies he encountered with other leaders of the time, especially Trotsky and Rosa Luxemburg. These clashes and divergences had a direct impact on the constitution of the political organizations.

**Key words:** Bolshevism; Lenin; Trotsky.

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Universidade de São Paulo (USP).

Ao longo dos anos, a história do bolchevismo foi feita e refeita, ao calor das vicissitudes políticas e ideológicas. Ela exemplifica, melhor do que outras, a ilusão de uma história “imparcial”, portadora de verdades absolutas ou de conclusões definitivas. Raramente, por outro lado, trata-se do aparecimento de dados ou documentos novos, mas de uma reinterpretção dos antigos, o que sublinha o caráter político-ideológico da questão. A sorte da história do bolchevismo na Rússia expressa essa asserção: “A Rússia é um país de passado imprevisível”, dizia a piada dos tempos da *perestroika*. As mudanças no país se processaram com tal rapidez que, muitas vezes, na pena dos mesmos autores encontramos interpretações simetricamente opostas. É o caso, por exemplo, de Igor Vassetsky e, sobretudo, de Dimitri Volkogonov. Este general, conselheiro militar do governo de Boris Yeltsin, sustentou, ao longo dos anos da União Soviética, a versão “oficial” do Kremlin, expondo o bolchevismo como um “bem absoluto”, surgido da cabeça de Lênin. Em contrapartida, Trotsky era apresentado como a encarnação do mal, inimigo de Lênin do início ao fim e inimigo do socialismo por conta do imperialismo.

Numa trilogia pós-União Soviética consagrada aos três personagens mais importantes da história daquele país, Volkogonov (1994; 1995; 1996) mudou completamente: o bolchevismo passou a ser o “mal absoluto”, surgido também do gênio (agora demoníaco) de Lênin. Quanto a Stálin e Trotsky, passaram a ser “irmãos inimigos”, filhos legítimos de Lênin e do bolchevismo. Volkogonov interpretou tendenciosamente e fora de contexto frases de uma série de cartas de Lênin, nas quais “nota por nota, carta por carta, Lênin, o semideus venerado durante 62 anos, inclusive por mim, aparece não como o guia magnânimo da lenda, mas como um tirano cínico, disposto a tudo para tomar e conservar o poder”; “Lênin é o verdadeiro pai do terror vermelho, e não Stálin” (VOLKOGONOV, 1995), lembrando um “historiador” ocidental que intitulou um seu trabalho: “Lênin, a Causa do Mal” (MOUROUSY, 1992).

Contra a interpretação não histórica do bolchevismo, foi apontado que

são três as organizações habitualmente designadas como “partido bolchevique”: 1) o Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR), entre 1903 e 1911, no qual muitas frações disputavam a direção; 2) a fração bolchevique no interior desse mesmo partido; 3) o POS DR (bolchevique) finalmente fundado em 1912 e que receberia importantes reforços, especialmente aquele da “Organização Interdistrital” de Petrogrado, com Trotsky, antes de ser o Partido Bolchevique vitorioso em Outubro (BROUÉ, 1971b, p. 84).

O bolchevismo não foi sempre idêntico a si mesmo: foi uma corrente política surgida de disputas, de cisões e de fusões. Existiu, porém, uma singularidade (e uma *continuidade*) nessa história. Ela não se limitou à implementação do conteúdo do *Que fazer?* (livro de Lênin, de 1902), considerado a quintessência do “leninismo”. Foi o próprio Lênin quem se encarregou de relativizar os princípios políticos e organizativos desse texto como sendo os de um “novo tipo” de organização ou partido. O termo “bolchevique”, por outro lado, teve, no início, apenas um significado, o de *maioria* (do II Congresso do POSDR, de 1903). Neste Congresso, o POSDR adotou um programa “em que figurava, pela primeira vez na história dos partidos social-democratas internacionais, a palavra de ordem de *ditadura do proletariado*, definida como a conquista do poder político pelo proletariado” (BROUÉ, 1971a, p. 31).

Escrevendo em 1907 um prefácio à reedição de seus trabalhos, Lênin criticou os exegetas do *Que fazer?* que “separam completamente esse trabalho de seu contexto em uma situação histórica definida – um período definido e há muito tempo ultrapassado pelo desenvolvimento do partido”, precisando que

nenhuma outra organização senão aquela liderada pela *Iskra* podia, nas circunstâncias históricas da Rússia de 1900-1905, ter criado um partido operário social-democrata tal como aquele que foi criado... *Que fazer?* é um resumo da tática e da política de organização do grupo da *Iskra* em 1901 e 1902. Nada mais que um resumo, nada mais e nada menos (LÊNIN, 1986a, p. 23).

Essa “tática” e essa “política”, por outro lado, não se consideravam originais, mas uma aplicação, nas condições russas (severa repressão, ausência de liberdades democráticas e de democracia política), dos princípios organizativos da II Internacional, em especial do Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD), do qual o chefe da polícia alemã já dizia em 1883 que “os partidos socialistas do estrangeiro o consideram o exemplo que deve ser imitado em todos os seus aspectos” (HAUPT, 1980b, p. 152).

Lênin propunha uma organização de revolucionários *profissionais*, conspirativa e centralizada, que fosse ao mesmo tempo uma organização operária, com ampla margem para o debate interno, mas com plena unidade de ação, uma organização baseada no *centralismo democrático*. Em resumo, um partido operário, profissional e revolucionário. Se o primeiro dos aspectos mencionados (o “conspirativismo” centralizado) foi enfatizado, foi apenas por entrar em choque com os partidários de um partido “laxo”, que os bolcheviques não consideravam adaptado às condições russas, em que a tendência revolucionária se manifestava na explosão da greve geral, em 1904, em Baku, no Cáucaso, precedida por outras grandes greves no Sul da Rússia, que tiveram como antecessora a grande greve de 1902, em Batum.

O início dessa série de greves se encontrava naquela que fora empreendida pelos operários têxteis de São Petersburgo entre 1896 e 1897. Nessas condições políticas, para Lênin, o revolucionário russo

não deve(ria) ter por ideal o secretário do sindicato, mas o *tribuno popular*, que sabe reagir contra toda manifestação de arbitrariedade e de opressão, onde quer que se produza, qualquer que seja a classe ou camada social atingida, que sabe generalizar todos os fatos para compor um quadro completo da violência policial e da exploração capitalista, que sabe aproveitar a menor ocasião para expor *diante de todos* suas convicções socialistas e suas reivindicações democráticas, para explicar a todos e a cada um o alcance histórico da luta emancipadora do proletariado (LÊNIN, 1986a, p. 43).

Essas ideias básicas foram mantidas em todas as “fases” do bolchevismo, *inclusive nas mudanças de programa*. A partir delas, porém, combinadas com circunstâncias históricas específicas, o bolchevismo se perfilou como uma corrente *histórica e política* diferenciada das outras correntes socialistas (inclusive internacionais), para além das intenções iniciais dos seus fundadores. Lênin mudou não uma, mas *várias* vezes sua apreciação acerca da natureza da revolução russa, mas nunca a ideia de que seu protagonista central seria o proletariado industrial, elaborada já na década de 1890 em polêmica contra os *narodniki* (populistas), e reafirmada diversas vezes depois:

A classe operária é o inimigo coerente e declarado do absolutismo, e só entre a classe operária e o absolutismo não é possível qualquer compromisso. A hostilidade de todas as outras classes, grupos e estratos da população em relação à autocracia não é absoluta: sua democracia está sempre olhando para trás. (LÊNIN, 1986a, p. 35)

Ou, ainda (uma ideia que Lênin mudou ulteriormente):

o operário russo é o único e natural representante de toda a população trabalhadora e explorada da Rússia. É seu representante natural porque, por sua própria natureza, a exploração dos trabalhadores na Rússia é em toda parte capitalista se deixarmos de lado os restos, agora quase extintos, da economia servil (LÊNIN, 1986a, p. 38).

É *para e com* essa classe operária que o bolchevismo se propôs construir um partido. Foi em virtude de sua eficácia nesse sentido que o bolchevismo constituiu-se como corrente. No início, é provável que os companheiros de Lênin não tivessem entendido o sentido mais profundo de seus pontos de vista. A razão principal de seu sucesso residiu no fato de que o conceito leninista da organização e da disciplina do partido constituía uma ajuda valiosa na tarefa de disciplinar os comitês clandestinos, cujo número aumentava rapidamente na Rússia, sob a direção da *Iskra*. Muitos comitês haviam se oposto à tentativa e rejeitado os planos de organização

apresentados por Lênin. O termo “bolchevismo” foi devido ao acaso, devido a que essa “maioria” foi, na verdade, minoria na votação imediatamente anterior e também na imediatamente posterior à sua constituição.

Vejamos como:

Depois que sete *anti-iskristas* abandonaram o Congresso, ficaram 44 delegados com direito a voto. Alguns dias antes, Lênin havia ficado em inferioridade de votos em um importante debate sobre a determinação da qualidade de membro do partido. A formulação mais elástica de Martov, que, em oposição a Lênin, não considerava que a “colaboração” devesse constituir um requisito em uma organização do Partido, foi aceita por 28 votos contra 23. Após a retirada dos sete delegados, Lênin passou a constituir uma maioria de 24 contra 20, de modo que conseguiu a admissão de sua própria lista de candidatos ao Comitê Central... A vitória durou pouco, pois o resultado foi a divisão da direção do Partido em duas frações. Os postos dirigentes da *Iskra* retornaram a homens que se converteram em adversários ideológicos de Lênin, e que logo se uniram a Plekhânov<sup>2</sup>. Lênin preparou a fundação de seu próprio periódico, *Vperiod (Avante)*, que foi lançado no final de 1904. (SHAPIRO, 1975, pp. 2-3)

Logo depois, os bolcheviques constituíram a sua própria fração e convocaram o seu próprio congresso como “III Congresso do POSDR” (em Londres, 1905). Partindo dessa base política, Lênin percorreu o caminho que o levou a ser, segundo Hobsbawm, “o homem com o maior impacto individual na história do século XX” (HOBSBAWM, 1988, p. 289). Em que pese essa origem política, o “leninismo” foi definido como “a interpretação teórica e prática do marxismo, em clave revolucionária, elaborada por Lênin num e para um país atrasado industrialmente, como a Rússia, onde os camponeses representavam a enorme maioria da população”, atribuindo-se à “teoria do partido” de Lênin “claras raízes populistas” e se a situando simultaneamente como uma variante “esquerdista” do revisionismo bernsteiniano da virada do século (SETTEMBRINI, 1986, pp. 680-6)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Considerado o “pai do marxismo russo”, Georgii Plekhânov, formulou em seus trabalhos, *O socialismo e a luta política* (1883) e *Nossas diferenças* (1885), as bases ideológicas do POSDR. Ainda jovem estudante, Plekhânov juntara-se ao movimento dos *narodniki* (populistas). Por volta de 1880 rompeu com eles e fundou, em 1883 e exilado, juntamente com Pável Axelrod, Leo Deutsch e Vera Zaslitch, a primeira organização social-democrata russa, o grupo “Emancipação do Trabalho”, que traduziu para o russo uma série de obras de Marx e Engels e os difundiu clandestinamente na Rússia. Foi um dos raros teóricos e dirigentes no socialismo mundial que se ocuparam sistematicamente da filosofia do marxismo; seus trabalhos sobre o assunto foram considerados os “melhores de toda a literatura internacional do marxismo”, segundo Lênin. Em outubro de 1917, opôs-se à tomada do poder pelos soviets (ou seja, pelos bolcheviques).

<sup>3</sup> O autor deveria ter levado em conta que Marx surpreendeu os historiadores por ter manifestado, em vida, mais interesse pela atividade dos *narodniki* da Rússia do que pela dos “marxistas” desse país. A tese da origem terrorista-populista (inspirada em Netchaiev) da concepção leninista de partido é amplamente difundida (cf. BESANÇON, 1980). Um manual do terrorismo, em que o revolucionário era caracterizado como um “morto *en*

Lênin via-se mais como continuador da tradição da Revolução Francesa, como aparece na sua definição (feita em polêmica contra Trotsky): “O jacobino ligado indissolúvelmente à organização do proletariado, que tem consciência dos seus interesses de classe, é justamente o social-democrata revolucionário.”<sup>4</sup>

A questão do *partido*, na Rússia tsarista, nasceu da divergência entre Lênin e Martov, no II Congresso do POSDR, a respeito do primeiro artigo do estatuto partidário. Martov propunha: “É membro do POSDR quem aceita o seu programa e sustenta o partido, materialmente ou mediante uma cooperação regular desenvolvida sob a direção de um de seus organismos”. Ao que Lênin respondeu: “É membro do partido quem aceita seu programa e sustenta o partido, materialmente ou por sua *participação pessoal* na atividade de um de seus organismos”. Como já foi apontado, a divergência, aparentemente sutil e menor, ocultava uma divergência maior em torno a que *tipo* de partido (parlamentar ou revolucionário) para que tipo de atividade (eleitoral ou revolucionária). Mas o que pareceu ser, inicialmente, uma divergência em torno aos métodos para construir um partido operário na Rússia concluiu, com o tempo, revelando-se uma divergência acerca do programa e da época histórica mundial que cindiu o movimento operário internacional.

O papel de Lênin foi o de colocar as bases para a constituição de um *partido operário* militante na revolução, não só propagandístico ou eleitoral, depois da dispersão dos grupos que haviam se unificado no Congresso de fundação do POSDR, em 1898. Uma unidade existia pela referência comum aos socialistas russos exilados, liderados por Plekhânov: “Até então o grupo de Plekhânov havia se preocupado principalmente com o problema de orientação teórica, pelo motivo de não existir nenhum partido político que se identificasse com a teoria de Marx e que procurasse difundir essa doutrina entre as massas populares” (HILL, 1987, p. 8). Em *Nossa tarefa imediata* (publicado em 1900 como editorial do recém-fundado jornal *Iskra*), Lênin definiu que

o partido não deixou de existir; apenas se recolheu em si mesmo, para reunir forças e encarar a tarefa de unificar a todos os social-democratas russos em um terreno firme. Realizar essa unificação, elaborar as formas convenientes, deixar de lado definitivamente o fracionado trabalho localista: tais são as mais imediatas e essenciais tarefas dos social-democratas russos (LÊNIN, 2017).

---

*sursis*”, pois havia renunciado a toda e qualquer recompensa ou aspiração neste mundo, foi redigido pelo anarquista russo Serguei Netchaiev (1847-1882) em 1869 (cf. CANNAC, 1961).

<sup>4</sup> Sobre o “jacobinismo” leninista, ver Jean Pierre Joubert (1987).

Lênin foi o principal realizador dessas tarefas e o principal organizador do II Congresso do POSDR (1903), considerado o verdadeiro “congresso de fundação”, fruto de uma série de vitórias políticas:

Quando em 1903 celebrou-se o Congresso, três batalhas ideológicas já haviam sido travadas e resolvidas; e essas três vitórias formaram a base do programa do partido unanimemente adotado pelo Congresso. Frente aos *narodniki*, o POSDR considerava o proletariado e não os camponeses como o agente da revolução futura; frente aos “marxistas legais”, predicava a ação revolucionária e negava qualquer compromisso com a burguesia; frente aos “economicistas”, sublinhava o caráter essencialmente político do programa do partido. (CARR, 1970, p. 124)

A luta contra os “economicistas”, resumida por Lênin em *Que fazer?*, era um patrimônio comum do partido, incluídos os futuros adversários do centralismo leninista (os mencheviques ou Plekhânov).

A firmeza de Lênin na polêmica de 1903, que conduziu ao surgimento das frações no POSDR, foi continuidade de uma luta política e ideológica que o tinha como protagonista central desde a década de 1890 (quando publicou seus textos de crítica ao populismo). A ideia de um *partido operário militante* não estava baseada num fetiche estatutário: o próprio Lênin aceitou, no Congresso de reunificação (bolcheviques-mencheviques) de 1906, a redação de Martov do primeiro artigo dos estatutos... Foi hagiográfica a visão retrospectiva do bolchevique Zinoviev: “Em 1903 já tínhamos dois grupos claramente separados, duas organizações e dois partidos. Bolchevismo e menchevismo, como tendências ideológicas, já estavam formadas com o seu perfil característico, depois evidenciado na tormenta revolucionária.” (ZINOVIEV, 1973, p. 96)

Trotsky rompeu com Lênin no Congresso de 1903. Retrospectivamente, apresentou a ruptura como sendo “subjetiva” e “moral”, vinculada com um assunto que não implicava nenhum princípio de linha política ou de organização. Lênin propôs reduzir o número de redatores da *Iskra* de seis a três. Estes deviam ser Plekhânov, Martov (dois mencheviques!) e ele mesmo. Os “velhos”, Pável Axelrod, Vera Zaslitch e Aleksandr Potresov, deveriam ser excluídos. O que se tratava de conseguir era que o trabalho editorial da *Iskra* fosse mais eficaz do que havia sido nos últimos tempos. Para Trotsky, “essa tentativa de eliminar Axelrod e Zaslitch, dois de seus fundadores, parecia-lhe sacrilégio. A dureza de Lênin suscitou sua repugnância” (DEUTSCHER, 1976, p. 83). No II Congresso do POSDR, Trotsky falou contra Lênin em relação a dois pontos da ordem do dia: o primeiro parágrafo dos estatutos e a eleição dos órgãos centrais do partido. Está claro, tanto pelas atas do Congresso como pelo *Jornal do II Congresso do POSDR*, preparado por Lênin, que Trotsky não se contrapôs

a nenhuma das teses do programa do partido preparado por Lênin. Pelo contrário, nesse item o defendeu (PEARCE, 1978).

No *Que fazer?* Lênin afirmou que

o desenvolvimento espontâneo do movimento operário marcha precisamente para sua subordinação à ideologia burguesa (...). Porque o movimento operário espontâneo é tradeunionista (...). Tudo o que inclinar-se perante a espontaneidade do movimento operário, tudo o que seja diminuir o papel do “elemento consciente”, o papel da social-democracia, significa – independentemente da vontade de quem o faz – fortalecer a influência da ideologia burguesa sobre os operários (LÊNIN, 1986a, p. 39).

Ao mesmo tempo, porém, definia “o elemento espontâneo [como] não mais do que a forma embrionária do consciente. E os motins primitivos refletiam já certo despertar consciente” (LÊNIN, 1986a, p. 40). Ou: “A classe operária tende espontaneamente para o socialismo, mas a ideologia burguesa, a mais difundida (e constantemente ressuscitada sob as formas mais diversas) é, contudo, aquela que mais se impõe espontaneamente aos operários.” (LÊNIN, 1986a, p. 46)

Em 1904, Rosa Luxemburgo se opôs ao “ultracentralismo” leninista no seu texto *Questões de organização da social-democracia russa*, afirmando:

Não é partindo da disciplina nele inculcada pelo estado capitalista, com a mera transferência da batuta da mão da burguesia para a de um comitê central social-democrata, mas pela quebra, pela erradicação desse espírito de disciplina servil, que o proletariado pode ser educado para a nova disciplina, a autodisciplina voluntária da socialdemocracia. (LUXEMBURGO, s/d, p. 25)

Acrescentava que:

o ultracentralismo preconizado por Lênin parece-nos, em toda a sua essência, ser portador não de um espírito positivo e criador, mas do espírito estéril do guarda noturno. Sua preocupação consiste, sobretudo, em controlar a atividade partidária e não em fecundá-la, em restringir o movimento e não em desenvolvê-lo, em importuná-lo e não em unificá-lo (LUXEMBURGO, s/d, p. 27).

A resposta de Lênin<sup>5</sup> foi afirmar que as críticas de Rosa não cabiam, dado que “o que o artigo de Rosa Luxemburgo, publicado em *Die Neue Zeit*, dá a conhecer ao leitor, não é meu livro (*Que fazer?*), mas outra coisa distinta”. E completava, dizendo: “O que defendo ao longo de todo o livro, desde a primeira página até a última, são os princípios elementares de

---

<sup>5</sup> Em artigo enviado a Karl Kautsky para ser publicado no *Die Neue Zeit*, órgão teórico da social-democracia alemã, sendo recusado, e só dado a conhecer em 1930.

qualquer organização de partido que se possa imaginar; (não) um sistema de organização contra qualquer outro.” (LÊNIN, 1986b, p. 82)

Em 1904, ainda, Trotsky publicou um trabalho (*Nossas tarefas políticas*) em que, a par de uma série notável de ataques pessoais a Lênin (inaugurando uma prática, segundo os historiadores, até então desconhecida dos socialistas russos: Trotsky se justificou mais tarde referindo-se à sua “imaturidade” – testemunhas da época, como Angélica Balabanova [BALABANOVA, 1974], afirmaram que inexistia afinidade pessoal entre os dois homens) – também acusava o bolchevismo de pretender instaurar “a ditadura do partido sobre a classe operária”, a do Comitê Central sobre o partido, e a do chefe sobre o Comitê Central. Ao lado dos ataques, Trotsky se permitia também exercícios futuroológicos:

As tarefas do novo regime serão tão complexas que não poderão ser resolvidas senão por meio de uma concorrência entre diversos métodos de construção econômica e política, por meio de prolongadas “disputas”, de uma luta sistemática não apenas entre os mundos socialista e capitalista, mas também entre muitas tendências dentro do socialismo, que surgirão inevitavelmente assim que a ditadura proletária trouxer dezenas e dezenas de novos problemas.

Nenhuma organização forte e “dominante” será capaz de suprimir estas tendências e controvérsias. Um proletariado capaz de exercer sua ditadura sobre a sociedade não irá tolerar nenhuma ditadura sobre si mesmo. A classe operária terá indubitavelmente nas suas fileiras alguns punhados de inválidos políticos e muito lastro de ideias envelhecidas do qual terá de se desfazer. Na época da sua ditadura, assim como hoje, terá de limpar a sua mente de falsas teorias e experiências burguesas, e purgar as suas fileiras dos charlatões políticos e revolucionários que só sabem olhar para trás. Mas essa intrincada tarefa não pode ser resolvida colocando por cima do proletariado um punhado de pessoas escolhidas ou uma única pessoa investida do poder de liquidar e degradar. (TROTSKY, 1970, p. 59)

Em sua autobiografia, Trotsky não se referiu ao seu texto de 1904. Depois do Congresso de 1903, ele ficou vinculado aos mencheviques, com quem rompeu rapidamente. Durante a década posterior, foi um partidário da “conciliação” das frações (não sem alguns sucessos, também efêmeros, como o “Bloco de Agosto” de 1912), o que alimentou a lenda de um Trotsky “antibolchevique”, embora se aproximasse gradualmente do bolchevismo. Quanto a um Trotsky “antipartido”, basta lembrar que era tão membro do POSDR quanto Lênin ou Martov, numa época em que a divisão formal do partido ainda não tinha sido consumada. Muitos historiadores viram em *Nossas tarefas políticas* uma profecia sobre o destino do bolchevismo e da própria revolução russa. Para Isaac Deutscher, que criticou os ataques pessoais do trabalho, este era também “assombroso” por conter “grandes

ideias” e “sutil perspicácia histórica” (DEUTSCHER, 1976, p. 96). Para Edward Hallet Carr,

o processo [de burocratização] foi previsto muito detalhadamente por Trotsky (de todos os revolucionários nenhum era mais ditatorial do que ele, por temperamento e ambição), que em um brilhante panfleto publicado em 1904 anunciou uma situação em que “o partido é substituído pela organização do partido, a organização pelo Comitê Central e finalmente o Comitê Central pelo ditador” (CARR, 1970, p. 132).

Pierre Broué criticou o “pedantismo” de *Nossas tarefas*, suas invectivas contra “Maximilien Lênin”, afirmando que Trotsky considerou o trabalho, mais tarde, “um documento terrivelmente molesto acerca do qual observou a maior discrição”, e se perguntou porque, nas circunstâncias da sua publicação (ruptura de Trotsky com o menchevismo), ele “não renunciara à sua publicação” (BROUÉ, 1988, pp. 85-91).

Na brochura de Trotsky, a crítica mais forte se referia ao fato de Lênin (seguindo Kautsky) ter sustentado que a intelectualidade revolucionária desempenhava um papel especial no movimento revolucionário, dotando-o da perspectiva marxista que os operários não poderiam alcançar por si mesmos. Trotsky via nisso uma negação das capacidades revolucionárias da classe operária e uma aspiração da intelectualidade, cujo porta-voz seria Lênin, para manter o movimento operário sob a sua tutela. Na mesma época, o socialista polonês Makháivski tinha opinião semelhante sobre o “socialismo russo” (MAKHAÏSKI, 2014). Trotsky sustentou que, no II Congresso do POSDR, “todo meu ser protestava contra a impiedosa supressão dos veteranos (Axelrod e Zaslitch). Da indignação que senti provém a minha ruptura com Lênin (que) teve lugar de certo modo sobre um terreno moral. Mas isso era só aparência. No fundo, nossas divergências tinham um caráter político que se manifestou na questão da organização” (TROTSKY, 1973b, pp. 199-200). *Nossas tarefas políticas* estava “dedicada a Pável Axelrod”.

Foi afirmado que “tanto Trotsky como Luxemburgo foram injustos com Lênin quando retiravam as posições do *Que fazer?* de seu contexto histórico concreto e lhes atribuíam um caráter universal” (MANDEL, 1995, p. 109). Trotsky se pronunciou, no final da sua vida, sobre seu trabalho “maldito”, de maneira mais nuançada, sem nenhum arrependimento por tê-lo publicado:

Em uma brochura intitulada *Nossas tarefas políticas*, escrita em 1904 e cujas críticas contra Lênin careciam frequentemente de maturidade e justeza, há no entanto páginas que fornecem uma ideia bem fiel do modo de pensar dos *komitetchiki* dessa época (...). A batalha que Lênin sustentou um ano depois, no congresso [III Congresso, abril de 1905], contra os *komitetchiki* arrogantes confirma plenamente essa crítica. (TROTSKY, 2012, p. 123)

Existem, no entanto, historiadores que afirmam que “[em 1903] Lênin já estava convencido de que era o revolucionário profissional, e não as massas, as que tinham a chave para a vitória do socialismo” (ULAM, 1976, p. 194).

As divergências organizativas de Trotsky e Rosa Luxemburgo com o bolchevismo tinham uma base inseparável das divergências políticas e programáticas. Segundo Rudi Dutschke: “Só a compreensão da revolução burguesa de 1905 nos permite aproximar-nos, por meio das concepções econômicas de Lênin, às raízes do centralismo democrático como tipo de partido” (DUTSCHKE, 1976, p. 143). Inicialmente, todas as frações da social-democracia russa estavam de acordo sobre a natureza burguesa da revolução. Depois, como veremos, a Revolução de 1905 e a repressão do tsarismo aproximaram os bolcheviques dos mencheviques no interior do POSDR. Ambos acreditavam na necessidade de uma etapa “democrático-burguesa” na revolução russa. No entanto, revelou-se, entre 1907 e 1908, que, enquanto os mencheviques acreditavam que a burguesia podia conduzir e concluir essa etapa, os bolcheviques, e principalmente Lênin, afirmavam que apenas o proletariado e os camponeses poderiam cumprir a tarefa da realização da etapa democrático-burguesa.

Trotsky elaborou mais claramente suas divergências com as duas frações do POSDR, inclusive a bolchevique, a partir de 1905. Segundo Lênin, o Partido deveria promover uma revolução de operários e camponeses, e esta, ao realizar uma revolução burguesa, ainda que preparando o terreno para a revolução socialista, não poderia escapar, pelo menos por algum tempo, ao destino da revolução exclusivamente burguesa. Trotsky, pelo contrário, entendia que o proletariado não poderia deixar de buscar o apoio dos camponeses, mas não poderia ficar nisso: ao completar a revolução burguesa, o proletariado seria inevitavelmente induzido a realizar a sua própria revolução, sem soluções de continuidade. A concepção trotskista se encontra na base do seu papel dirigente na Revolução de 1905 (e não apenas seu “talento pessoal”, como acredita a maioria dos historiadores), que não foi conquistado por nenhum líder bolchevique. Afirmou-se que

Trotsky, no fundo, era um marxista obreirista, segundo a tradição ocidental, enquanto Lênin começava a atribuir um papel revolucionário, ainda que subordinado à direção dos operários, aos camponeses. Nesse sentido, é impossível estabelecer uma relação entre Trotsky e Mao. Mas entre Lênin e Mao a relação é possível (COLLETTI, 1979, p. 95).

Lênin “oriental”? Cabe duvidar. Lênin começou a sua carreira no POSDR combatendo, no “populismo”, a sua pretensa via específica, “oriental”, para o socialismo, baseada na sobrevivência da comunidade agrária (o *mir*). Era equivocado sustentar a possibilidade de realizar um *socialismo russo* baseado na comunidade rural, como fizeram os *narodniki*,

já que o desenvolvimento capitalista havia criado uma diferenciação social dentro das comunidades rurais<sup>6</sup>. A comuna rural estava em pleno processo de dissolução, dando lugar, por um lado, à propriedade agrária capitalista e, por outro, aos assalariados agrícolas. Seu diagnóstico sobre a dissolução da antiga comunidade rural (ATKINSON, 1983), exposto em diversos trabalhos, em especial n’*O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, seguiu as pegadas da luta estratégica de Plekhânov de *Nossas divergências*, mas acrescentou ao combate dos primeiros marxistas russos uma visão dialética do movimento político hegemônico entre os camponeses.

Isso contribuiu para edificar o ponto nodal da estratégia da revolução russa (a aliança operário-camponesa), como o exemplifica o *Programa agrário da social-democracia* redigido por Lênin:

O erro de certos marxistas consiste em que, ao criticar a *teoria* dos populistas, perdem de vista seu *conteúdo* historicamente real e historicamente legítimo *na luta contra o feudalismo*. Criticam, e com razão, o “princípio do trabalho” e o “igualitarismo” como *socialismo* atrasado, reacionário, pequeno-burguês e esquecem-se que essas teorias exprimem o *democratismo* pequeno-burguês avançado, revolucionário, e servem de bandeira à mais decidida das lutas contra a velha Rússia, a Rússia feudal. A ideia de igualdade é a ideia mais revolucionária na luta contra a velha ordem de coisas do absolutismo em geral e contra o velho regime feudal e latifundiário de posse da terra em particular. A ideia de *igualdade* é legítima e progressista no pequeno-burguês camponês, porque expressa a aspiração à repartição [da terra]. (LÊNIN, 1986b, p. 92)

Para Lênin, “a questão agrária constituía a base da revolução burguesa na Rússia e determinava a *particularidade nacional* dessa revolução” (GRUPPI, 1979, p. 86). Os objetivos que Lênin punha à revolução burguesa eram: a república democrática, a Assembleia Constituinte e o governo revolucionário provisório num regime da ditadura democrática dos operários e camponeses. O meio para realizar tais objetivos era a insurreição popular armada. Depositário da tradição do primeiro marxismo russo, descartando um possível salto da comunidade agrária para a propriedade socialista, Lênin evoluiu, passo a passo, da concepção de uma revolução burguesa para uma “revolução combinada”: “Desde a sua obra escrita no exílio siberiano [*O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*], Lênin tinha

---

<sup>6</sup> É na resposta de Marx a uma carta de Vera Zaslitch (em carta de 16 de fevereiro de 1881), incluída no “Prefácio” à primeira edição em russo do *Manifesto comunista* (1881), que encontramos a seguinte ideia: “[Na Rússia] graças a uma excepcional combinação de circunstâncias, a comuna rural, estabelecida em escala nacional, pode ir-se desprendendo de suas características primitivas e se desenvolvendo como elemento da produção coletiva em escala nacional. É precisamente graças à contemporaneidade da produção capitalista que pode apropriar-se de todas as suas aquisições positivas sem passar por suas espantosas peripécias.” (MARX, 2005, pp. 110–23)

a tendência para ver capitalismo atrás de cada carreta russa. Mas a Revolução de 1905 o levou a matizar suas ideias: o capitalismo estava ainda fracamente desenvolvido, as forças liberais eram embrionárias e tímidas.” (LEWIN, 1996, p. 14)

Ainda assim, para Lênin a revolução seria

burguesa no sentido de seu conteúdo econômico-social. O que significava: as tarefas da revolução que está ocorrendo na Rússia não ultrapassam o âmbito da sociedade burguesa. Nem mesmo a mais plena vitória da atual revolução, isto é, a conquista da república mais democrática e a confiscação de toda a terra dos proprietários pelos camponeses, abalará os fundamentos da ordem social burguesa (LÊNIN, 1986b, p. 95).

Dessa tese, comum a mencheviques e bolcheviques, contudo, “não derivava absolutamente a conclusão segundo a qual o motor principal ou guia da revolução seria a burguesia”, como queriam os mencheviques. E isto porque a revolução ocorreria no momento em que “o proletariado já começou a tomar consciência de si como uma classe particular e a se unir numa organização de classe autônoma” (TROTSKY, 1974, p. 33).

Num prefácio a uma reedição do seu 1905, Trotsky afirmou que,

sem pertencer a nenhuma das duas frações durante a emigração, o autor [Trotsky] subestimava o fato fundamental de que nas divergências de opiniões entre os bolcheviques e os mencheviques havia, de fato, um grupo de revolucionários inflexíveis por um lado e, pelo outro, um agrupamento de elementos cada vez mais desagregados pelo oportunismo e a falta de princípios. Quando estalou a revolução em 1917, o Partido Bolchevique representava uma organização centralizada forte, que havia absorvido os melhores elementos entre os operários progressistas e entre a inteligência revolucionária (TROTSKY, 1975b, p. 104).

Como afirmado por Trotsky, no congresso social-democrata (bolchevique) de Londres de 1905, Lênin empreendeu a batalha política pelo recrutamento de operários que não eram – nem podiam ser – “revolucionários profissionais”, mas militantes operários revolucionários, em conflito com os *komitetchiki*. Nadejda Krupskaya, esposa de Lênin, relatou em suas memórias a batalha entre este e Rykov, porta-voz dos “clandestinos” da Rússia: “O *komitetchiki* era um homem cheio de segurança... Não admitia nenhuma democracia no interior do partido... Não gostava de inovações”. Lênin mal conseguiu se conter “ouvindo dizer que não havia operários capazes de formar parte dos comitês” (KRUPSKAYA, 1976, p. 62): propôs incluir obrigatoriamente nestes uma maioria de operários. O aparato partidário era contrário e a proposta de Lênin foi derrotada.

A par dos *komitetchiki*, existia o que Pierre Broué chamou de “o espírito de seita que deixou os bolcheviques longe dos primeiros soviets,

nos quais muitos deles recebiam uma organização adversária” (BROUÉ, 1971b, p. 71). A Revolução de 1905 expressou sua originalidade pela formação dos sovietes. Esses conselhos operários eram organismos eleitos pelos trabalhadores nos próprios locais de trabalho. Os delegados aos sovietes eram a qualquer momento revogáveis pelos seus eleitores. Sindicalizados ou não, politicamente organizados ou desorganizados, os proletários de São Petersburgo, Moscou, Kiev, Kharkov, Tula, Odessa e de outras aglomerações industriais do Império criaram uma nova forma de organização de massa. Os sovietes apareceram, desde 1905, como o contrário das assembleias parlamentares pelas quais a burguesia exercia sua dominação de classe no Ocidente capitalista.

O problema afetou todas as frações do POSDR na Revolução de 1905:

Sem atender à cooperação de muitos operários bolcheviques nos conselhos, a posição de princípio dos órgãos dirigentes bolcheviques variava entre uma rejeição radical e uma aceitação meio desgostosa desses “corpos alheios” à revolução. A posição dos bolcheviques com respeito aos sovietes da primeira revolução era diferente segundo os locais e estava sofrendo transformações; o próprio Lênin não chegou a um juízo definitivo sobre seu papel e importância, apesar de ter sido o único que, entre os bolcheviques, esforçou-se para examinar a fundo esse novo fenômeno revolucionário e agregá-lo a sua teoria e tática revolucionárias. Durante a greve de outubro os operários bolcheviques participaram na formação do Conselho de Deputados Operários de São Petersburgo, assim como os outros operários. O comitê do partido que, no início, diferenciando-se dos mencheviques, não havia chamado à eleição de deputados, enviou os seus representantes oficiais ao Comitê Executivo do Soviete.

Nos primeiros dias de existência do Soviete, quando este atuava como comitê de greve e ninguém sabia realmente que papel ele desempenharia no futuro, os bolcheviques se opunham a ele de forma benévola. Isso mudou quando, ao terminar a greve de outubro, o soviete permaneceu em pé e começou a evoluir no sentido de um órgão de direção política da classe operária da capital. A partir daí, a maior parte dos bolcheviques de São Petersburgo fixou abertamente a sua oposição ao soviete. Os bolcheviques conseguiram elaborar, nos comitês federativos formados por representantes de ambas as frações do POSDR uma resolução na qual se recomendava a aceitação oficial do programa da social-democracia, já que organizações independentes ao estilo do conselho não podiam guiar uma orientação política clara e portanto seriam perniciosas. (ANWEILER, 1975, p. 83)

Para alguns autores, existe uma vinculação direta entre o *Que fazer?* e o ulterior “sectarismo” ou “burocratismo” bolcheviques: “O sectarismo potencial que Rosa Luxemburgo havia notado nas concepções de Lênin

manifestou-se claramente desde a Revolução de 1905” (LE BLANC, 1990, p. 11). Para Ernest Mandel, “é evidente que Lênin subestimou no decurso do debate de 1902-1903 os perigos para o movimento operário que podiam surgir do fato de se constituir uma burocracia no seu seio” (MANDEL, 1984, p. 148). Os exemplos, das mais variadas correntes de interpretação, poderiam se multiplicar.

A crença numa unificação partidária possibilitada pela revolução, por sua vez, remete a uma concepção mais geral acerca do partido. Logo depois da ruptura de 1903, Lênin afirmava que:

(Trotsky) esqueceu que o Partido deve ser apenas um destacamento da vanguarda, o dirigente da imensa massa da classe operária, que no seu conjunto (ou quase) trabalha “sob o controle e sob a direção” das organizações do Partido, mas que não entra inteiramente, e nem deve, no “Partido” (LÊNIN, 1964, p. 526; as aspas – irônicas – são de Lênin).

Para Lênin, partido, vanguarda operária e classe operária não se identificavam. Na concepção de Rosa Luxemburgo, diversamente: “A social-democracia não está ligada à organização da classe operária: ela é o próprio movimento da classe operária” (LUXEMBURGO, s/d, p. 18), o que tinha mais que ver com as condições da Alemanha do que com uma supervalorização da “espontaneidade das massas”.

Em 1905, o bolchevismo era um partido *da* vanguarda operária, como o demonstrava a sua composição: 62% de operários (e 5% de camponeses) (LANE, 1977, p. 38): esse era o partido dos “revolucionários profissionais”. Apesar de todas as críticas recebidas, e apesar de todas as precisões realizadas, Lênin ironizou seus críticos: “Afirmar que a *Iskra* (de 1901 e 1902!) exagerou na ideia de uma organização de revolucionários profissionais é como dizer, *depois* da guerra russo-japonesa, que os japoneses faziam uma ideia exagerada das forças militares russas, e que se preocuparam demais, antes da guerra, em lutar contra essas forças.” (LÊNIN, 1971, p. 468) Eis a razão decisiva do bolchevismo.

Os problemas políticos da social-democracia russa, confrontados com o movimento revolucionário das massas, em 1905, já se situavam em um nível superior em relação às outras seções da II Internacional. Nisso consiste a particularidade do bolchevismo, o que nada tem que ver com uma suposta teoria acerca do “Partido, com maiúscula, (que) constitui a grande e ambígua contribuição russa à história contemporânea”, também chamada de “o Partido: uma entidade metapolítica totalmente diversa de tudo que tinha sido visto até então na variada cena dos movimentos socialistas europeus” (BETTIZA, 1984, pp. 83; 85), dando nascimento a uma nova variante antropológica: o *homo bolchevicus*! Resulta fácil especular acerca da confusão de bolcheviques (e de mencheviques) sobre o papel dos soviets na Revolução de 1905, quando até os próprios dirigentes desses organismos

estavam confusos a respeito de sua função, ou que “mesmo quando do II Congresso [dos soviéticos], a 28 de outubro, nenhum membro dessa assembleia sabia muito bem a sua função, se eles constituíam um comitê central de greve ou um novo tipo de organização, semelhante a um organismo de autoadministração revolucionária” (YASSOUR, 1968)<sup>7</sup>.

Durante o período de reação política posterior à Revolução de 1905, bolcheviques e mencheviques se dividiram cada um em três frações: os “liquidadores” (Potresov, Zaslitch), o centro (Martov, Dan) e os “mencheviques de partido” (Plekhanov) entre os segundos; os “vperiodistas” (Bogdanov), os “leninistas” e os “conciliadores” ou “bolcheviques de partido” (Rykov, Nogin) entre os primeiros. Havia, na prática, *seis partidos*. Se 1903 não foi a “data mágica” do bolchevismo, 1906 (congresso de reunificação) não foi a grande hora da conciliação perdida (quando Lênin declarou que “até a revolução social, a social-democracia apresentará inevitavelmente uma ala oportunista e uma ala revolucionária”), pois os bolcheviques mantiveram um “centro clandestino” no partido unificado; 1912 (quando os bolcheviques se separaram em definitivo dos mencheviques, no Congresso do POSDR de Praga) não foi o nascimento do “partido final”, pois antes de 1912 Lênin se reconciliou com Plekhanov e formou um “bloco” no POSDR, com os “mencheviques do partido”, contra os “liquidadores”, com o objetivo da manutenção do aparato clandestino que estes últimos queriam suprimir. É sobre essa posição que se constituiu o POSDR (bolchevique), com uma ala revolucionária e outra “oportunista” menchevique...

É contrária à verdade a lenda cunhada por Stálin (STÁLIN, 1945): que os bolcheviques agiram, desde 1903, em prol da cisão com os reformistas na Internacional Socialista. Foi com grande luta que Lênin conseguiu ser reconhecido representante do POSDR (junto com Plekhanov) desde 1905, no Bureau Socialista Internacional (BSI), cargo que manteve até a explosão da I Guerra Mundial. Nesse marco se produziu o “Congresso de Unidade” do POSDR, em 1906. Em 1907, no Congresso Socialista Internacional de Stuttgart, a moção sobre a atitude e o dever dos socialistas em caso de guerra (“utilizar a crise provocada pela guerra para precipitar a queda da burguesia”) foi apresentada conjuntamente por Lênin, Rosa Luxemburgo e o menchevique Martov. Quando em janeiro de 1912 a conferência (bolchevique) de Praga consumou a cisão com os

---

<sup>7</sup> Logo depois da revolução, Trotsky dizia que “o conselho de deputados operários nasceu para a realização de um objetivo: no curso dos acontecimentos, criar uma organização que represente a autoridade, livre da tradição, uma organização que possa abarcar de uma vez por todas as massas desagregadas sem a imposição de demasiados obstáculos organizativos, uma organização que possa unir as correntes revolucionárias no interior do proletariado e controlar por si própria uma iniciativa de maneira capaz e automática e, o que é mais fundamental, uma organização à qual se poderia dar vida em 24 horas” (TROTSKY, 1975a, p. 69).

mencheviques, Lênin não a apresentou no BSI como a ruptura entre reformistas e revolucionários, mas a dos defensores do “*verdadeiro partido operário*” contra os “liquidadores” (partidários de um partido “legal”), e defendendo “o único partido existente, o partido ilegal”, segundo o informe de Kamenev, representante de Lênin, no BSI de novembro de 1913.

Em 1912, os bolcheviques lutaram para se impor como únicos representantes do POSDR no Congresso Socialista de Basileia. Em 1914, antes da Guerra Mundial, devido ao isolamento internacional dos bolcheviques (inclusive em relação à ala esquerda da Internacional Socialista, cuja dirigente, Rosa Luxemburgo, aliara-se aos mencheviques e ao “Bloco de Agosto” liderado por Trotsky), os bolcheviques admitiram uma nova e nunca realizada “conferência de unificação” do socialismo russo. Lênin já era, no entanto, consciente da projeção internacional da “cisão russa” e, depois da capitulação dos principais partidos da Internacional Socialista diante da explosão da guerra em agosto de 1914, proclamou desde finais desse ano a necessidade da luta por uma nova Internacional, a terceira (ainda não chamada de Comunista) (HAUPT, 1980a, pp. 108-50).

Nesse contexto, produziu-se a convergência Lênin/Trotsky. Segundo Trotsky: “Cheguei a Lênin mais tarde que outros, mas por meu próprio caminho, tendo atravessado e refletido sobre a experiência da revolução, da contrarrevolução e da guerra imperialista. Graças a isso, cheguei a ele mais firme e seriamente que seus ‘discípulos’.” (TROTSKY, 1973b, p. 301) É perfeitamente “lógico”, mas não histórico, o comentário de Léo Figuières: “Cabe perguntar se Trotsky teria podido unir-se ao bolchevismo em 1917 no caso em que todos os discípulos tivessem seguido seu caminho, abandonado e combatido Lênin depois do II Congresso.” (FIGUÈRES, 1969, p. 20) Trotsky não estava tentando se justificar, mas reconstituindo seu percurso político individual. As divergências foram superadas pelo desenvolvimento da prática revolucionária (que permitiu à Revolução de Outubro ser identificada com os nomes de Lênin e Trotsky) e pela assimilação da experiência dessa prática.

Quando Trotsky, já maduro, reconheceu em Lênin o seu *mestre* (coisa que tinha recusado quando jovem), embora se opondo ao “culto a Lênin” stalinista, não o fez por oportunismo político, mas por convicção, resultante da assimilação do bolchevismo, que foi o tema de seus escritos de maturidade:

A direção não é um simples “reflexo” de uma classe, ou o produto de sua livre criação. A direção se forja no processo dos choques entre as diferentes camadas de uma determinada classe. Uma vez assumido o seu papel, a direção se eleva acima de sua classe, ficando exposta à pressão e influência de outras classes... Um fator importantíssimo da maturidade do proletariado russo, em 1917, foi Lênin, que não caiu do céu. Ele personificava a tradição revolucionária da classe operária. Para que os seus postulados

pudessem abrir caminho entre as massas, tinham que existir quadros, ainda que limitados; tinha que existir a confiança dos quadros em sua direção, uma confiança baseada em toda a experiência passada. (TROTSKY, 1975a, p. 23)

Esse Trotsky “maduro” foi, também, um produto do bolchevismo. Em seu ensaio *Lênin marxista*, posterior à Revolução de Outubro, Bukhárin afirmou que “Marx deu principalmente a álgebra do desenvolvimento capitalista e da ação revolucionária; Lênin acrescentou a álgebra de novos fenômenos de destruição e construção, assim como a sua aritmética. Decifrou as fórmulas de álgebra de um ponto de vista concreto e prático” (BUKHÁRIN, 1976, p. 48). Daí surgiu o bolchevismo, um partido que, pelo menos enquanto não se interpuseram circunstâncias excepcionais (uma guerra civil sangrenta sustentada pela intervenção de 14 potências estrangeiras e o isolamento da Revolução) era qualquer coisa menos o “partido único da Revolução”, Revolução que reuniu os esforços da grande maioria das classes trabalhadoras (operários e camponeses) da Rússia.

Em 1917, o bolchevismo foi o *ponto de confluência* dos revolucionários da Rússia. O partido que tomou o poder em outubro de 1917 era a prolongação do partido nascido em Praga em 1912 e da fração posterior a 1903. Era, no entanto, também completamente distinto. Em alguns meses, recrutara amplamente entre as jovens gerações de operários, de camponeses e de soldados: a organização clandestina que tinha em janeiro, quando muito, 25 mil membros bolcheviques, contava com quase 80 mil quando da conferência de abril de 1917 e 200 mil no VI Congresso, em agosto: os velhos bolcheviques e *a fortiori* os *komitetchiki* eram uma minoria de 10%. As adesões não eram todas individuais, pois englobavam grupos operários não definidos em relação às frações e querelas anteriores à guerra: a “Organização Interdistrital”, que possuía quatro mil membros em Petrogrado, teve três de seus dirigentes eleitos para o Comitê Central, entre os quais Trotsky (o mais votado para o novo CC junto com Lênin). Trotsky aproximou-se do bolchevismo não apenas teoricamente, mas pela prática política. No momento em que a Revolução pendia de um fio, com Lênin exilado na Finlândia, Trotsky colaborou com o bolchevismo, pouco antes de ingressar nele: “As entrevistas que tive então com a fração bolchevique estabeleceram esses laços morais que só se formam sob os golpes mais duros do inimigo.” (TROTSKY, 1973b, p. 374)

Isto é tão verdadeiro quanto o fato de que, se o congresso bolchevique de agosto de 1917 permitiu constatar a convergência real, por uma atitude comum em relação aos problemas da Revolução, de diversas organizações ou grupos, o fundamento sólido do “partido revolucionário” era o POSDR (bolchevique) de Lênin, no qual desaguaram os “riachos revolucionários” aos quais se referiu Radek (RADEK, 1976). Dois anos após a Revolução de Outubro, Lênin escrevia: “No momento da conquista do poder, quando foi

criada a República dos Sovietes, o bolchevismo atraía tudo o que havia de melhor nas tendências do pensamento socialista mais próximo.” (LÊNIN, 1986b, p. 346) Isto poderia liquidar a questão, mas de fato não o faz.

Isso porque, ainda no momento da unificação no Partido Bolchevique, Trotsky redigiu um documento, no qual incluiu, nas suas palavras, uma

frase com a qual assinalava, em matéria organizativa, “o estreito espírito de círculo” dos bolcheviques. Não é necessário iniciar uma discussão sobre o particular agora que verbalmente e de fato reconheci as minhas culpas em matéria organizativa. Mas ao leitor menos avisado explicar-se-á a precipitação da frase pelas condições concretas daquele momento. Os operários interdistritais conservavam uma grande desconfiança em relação ao comitê de Petrogrado (do bolchevismo). Escrevi então que “ainda existe o espírito de círculo, herança do passado, mas, para ele diminuir, os interdistritais devem deixar de levar uma atividade isolada” (TROTSKY, 1973a, p. 102).

Anos depois, Trotsky reafirmou que

o desacordo mais importante entre Lênin e eu durante esses anos consistia na minha esperança de que uma unificação com os mencheviques impulsionaria a maioria deles na via revolucionária. Lênin tinha razão sobre essa questão fundamental. No entanto, deve-se dizer que em 1917 as tendências à “unificação” eram muito fortes entre os bolcheviques. No 1º de novembro de 1917, durante a reunião do Comitê do Partido de Petrogrado, Lênin declarou que: “Já faz muito tempo que Trotsky afirmou que a unificação é impossível. Trotsky compreendeu o fato, e desde então não há melhor bolchevique do que ele” (TROTSKY, 1983, p. 61).

Durante a Revolução de Outubro, quatro anarquistas eram membros do Comitê Militar Revolucionário do Soviete. Um marinheiro anarquista de Kronstadt liderou a delegação que dissolveu a Assembleia Constituinte. Ao mesmo tempo, porém, era clara a hegemonia bolchevique. Comitês de fábrica surgiam em toda parte, rapidamente se tornavam fortes e eram dominados pelos bolcheviques (PANKRATOVA, 1976). De 30 de outubro a 4 de novembro, realizou-se em Petrogrado a I Conferência Russa de Comitês de Fábrica, em que 96 dos 167 delegados eram bolcheviques (GORODETSKY, 1976, p. 821). Ainda assim, depois da tomada do poder pelos soviets,

durante a primeira semana de dezembro de 1917 se realizaram algumas manifestações a favor da Assembleia Constituinte, isto é, contra o poder dos soviets. Guardas vermelhos irresponsáveis atiraram então contra um dos cortejos e fizeram alguns mortos. A reação perante esta violência estúpida foi imediata: *em 12 horas, foi modificada a constituição do Soviete de Petrogrado*; mais de uma dúzia de deputados bolcheviques foram [sic!] demitidos e substituídos por mencheviques... Apesar disso,

foram precisas três semanas para acalmar o ressentimento público e permitir a reintegração dos bolcheviques (REED, 1976, p. 6).

Trotsky, por outro lado, foi explícito no seu reconhecimento da superioridade histórica de Lênin no decorrer da Revolução:

Para ser bem claro, direi o seguinte. Se eu não estivesse em 1917 em São Petersburgo, a Revolução de Outubro teria acontecido do mesmo modo – *condicionada pela presença e a direção de Lênin*. Se não estivéssemos em São Petersburgo nem Lênin nem eu, não teria havido Revolução de Outubro: a direção do Partido Bolchevique teria impedido que ocorresse (quanto a isto, não me resta a menor dúvida!). Se Lênin não estivesse em São Petersburgo, não haveria chance de que eu conseguisse que as altas esferas bolcheviques resistissem. A luta contra o “trotskismo” (isto é, contra a revolução proletária) estaria aberta a partir de maio de 1917, e o desfecho da revolução teria sido um ponto de interrogação. Com Lênin presente, a Revolução de Outubro teria de qualquer maneira chegado à vitória. Pode-se dizer o mesmo, em suma, da guerra civil. (TROTSKY, 1980, p. 52)

Numa conferência pronunciada em 1932 em Copenhague, Trotsky, depois de enumerar todos os fatores “objetivos” da Revolução (falência das classes dominantes, iniciativa histórica das massas, Guerra Mundial imperialista etc.), completou:

Mas todas essas condições, suficientes para que a revolução irrompesse, eram, porém, insuficientes para assegurar a vitória do proletariado na revolução. Para esta vitória, uma condição era ainda necessária: o Partido Bolchevique. Se enumero essa condição em último lugar é porque isto corresponde à sequência lógica e não por atribuir ao partido o lugar de menor importância. Não... O Partido Bolchevique, designado com frequência e com razão o partido mais revolucionário da história da humanidade, era a condensação viva de nova história da Rússia, de tudo o que era dinâmico nela. Há muito tempo que a queda da monarquia era a condição indispensável para o desenvolvimento da economia e da cultura. Mas faltavam as forças para levar adiante essa tarefa. A burguesia aterrorizava-se diante da revolução. Os intelectuais tentavam organizar o campesinato à sua volta. Incapaz de generalizar os seus esforços e objetivos, o mujique não deu resposta aos apelos da juventude. A intelectualidade armou-se de dinamite. Toda uma geração se consumiu nesta luta...

Em 1903 teve lugar a cisão entre mencheviques e bolcheviques. Em 1912 a fração bolchevique tornou-se definitivamente um partido independente. Ensinou-nos durante 12 anos (1905-1917) a reconhecer a mecânica de classe da sociedade nas lutas e nos grandiosos acontecimentos. Educou quadros capazes, quer de iniciativa quer de disciplina. A disciplina da ação revolucionária apoiava-se na unidade da doutrina, nas tradições de lutas comuns e na confiança numa direção experimentada. Assim era

o partido em 1917. Enquanto a “opinião pública” oficial e as toneladas de papel da imprensa intelectual o desprezavam, o partido orientava-se segundo o curso do movimento de massas. A formidável alavanca que esse partido manejava firmemente introduzia-se nas fábricas e nos regimentos. As massas camponesas voltavam-se cada vez mais para ele. Se entendermos por nação não os privilegiados, mas a maioria do povo, isto é, os operários e os camponeses, então o bolchevismo transformou-se no decorrer do ano de 1917 no *partido russo verdadeiramente nacional*. (TROTSKY, 1983, p. 52)

Durante a primeira Revolução Russa, em setembro de 1905, Lênin afirmara que “da revolução democrática começaremos logo a passar, na medida mesmo das nossas forças, das forças do proletariado consciente e organizado, à revolução socialista. Somos pela revolução ininterrupta. Não nos deteremos a meio caminho” (LÊNIN, 1986b, p. 49). Mas, apesar disso, Lênin limitava o alcance social da revolução. De acordo com Trotsky, ele

queria dar a entender que, para manter a unidade com o campesinato, o proletariado se veria obrigado a prescindir da colocação imediata das tarefas socialistas durante a próxima revolução. Mas aquilo significava para o proletariado renunciar à sua própria ditadura. Consequentemente, a ditadura era, em essência, do campesinato, mesmo que dela participassem os operários (TROTSKY, 1974, p. 88).

Citemos as palavras confirmatórias de Lênin, pronunciadas no Congresso de Estocolmo (de 1906) ao replicar a Plekhânov: “De que programa estamos falando? De um programa agrário. Quem se supõe que tomará o poder com esse programa? Os camponeses revolucionários.” Confundia Lênin o governo do proletariado com o governo dos camponeses? “Não” – disse, referindo-se a si próprio –, “Lênin diferenciava marcadamente governo socialista do proletariado de governo democrático-burguês dos camponeses.”

Nesse mesmo momento, Trotsky defendia a *revolução permanente*, cuja perspectiva

pode ser assim resumida: a vitória completa da revolução democrática na Rússia apenas se concebe na forma de ditadura do proletariado, secundado pelos camponeses. A ditadura do proletariado, que inevitavelmente poria sobre a mesa não apenas as tarefas democráticas, mas também as socialistas, daria ao mesmo tempo um impulso vigoroso à revolução socialista internacional. Apenas a vitória do proletariado do Ocidente poderia proteger a Rússia da restauração burguesa, dando-lhe segurança para completar a implantação do socialismo (TROTSKY, 1974, p. 124).

Trotsky tinha uma divergência estratégica com o bolchevismo (e com o menchevismo) que, logo depois de Outubro, ele sintetizou:

O bolchevismo não estava contagiado pela crença no poder e na força de uma democracia burguesa revolucionária na Rússia. Desde o princípio reconheceu a significação decisiva da luta da classe operária na revolução vindoura, mas o seu programa se limitava, na primeira época, aos interesses das grandes massas camponesas, sem as quais – e contra as quais – a revolução não teria podido ser levada a cabo pelo proletariado. Daí o reconhecimento provisório do caráter democrático-burguês da revolução e de suas perspectivas. Por isso, o autor não pertencia, naquele período, a nenhuma das duas principais correntes do movimento operário russo. (TROTSKY, 1973b, p. 25)

Para Trotsky, ao contrário,

o proletariado, chegado ao poder, não deve limitar-se ao marco da democracia burguesa senão que deve empregar a tática da *revolução permanente*, ou seja, anular os limites entre o programa mínimo e o máximo da social-democracia, passando a reformas sociais cada vez mais profundas e buscando um apoio direto e imediato na revolução do Oeste europeu (TROTSKY, 1974, pp. 102-3).

Na medida da evolução das posições de Lênin, uma convergência se desenhou desde o V Congresso (de Londres) do POSDR “unificado”:

O fato mais notável do congresso foi o isolamento dos mencheviques diante da convergência de posições de Lênin, Rosa Luxemburgo e Trotsky. Naturalmente, tratava-se de uma convergência objetiva, sem qualquer acordo, e não isenta de consideráveis discrepâncias, entre Lênin e os bolcheviques, por um lado, e Rosa e Trotsky, por outro. (STRADA, 1984, p. 164)

A historiografia soviética pós-Gorbachev teve tendência a minimizar os desacordos Lênin-Trotsky pré-revolução (assim como o stalinismo os exagerou até a mentira deslavada):

Esses desacordos, na minha opinião, não possuem muito significado quando os consideramos sob uma perspectiva histórica. Isso compreende a questão da revolução permanente que sempre foi levada a proporções exageradas, após a morte de Lênin. De fato, depois de 1916, Lênin nunca mais destacou esta questão. (BILLIK, 1989, p. 25)

O mesmo autor destacou que “artigos de Trotsky foram publicados em revistas dirigidas por Lênin” (BILLIK, 1989, p. 25).

Pierre Fougereollas (Foulan) afirmou que “até 1914, faltava à teoria do partido de Lênin o mesmo que à teoria da revolução permanente de Trotsky: a análise do imperialismo, época de guerras e revoluções, era da revolução mundial do proletariado” (FOULAN, s/d, p. 96). Ora, em 1914 já existiam estudos sobre o imperialismo (*O capital financeiro*, de Hilferding) e, logo depois, explodiu a guerra interimperialista, os livros de Bukhárin e Lênin a respeito do imperialismo foram publicados, mas as divergências na social-democracia russa continuaram. Elas haviam se acirrado depois do

“Bloco de Agosto” (bloco “pela unidade do POSDR”, encabeçado por Trotsky, com participação menchevique) de 1912, quando os bolcheviques se engajavam na via da construção de um partido independente. Durante 15 anos, Lênin e Trotsky se dispensaram, por escrito, insultos variados (“mediocre”, “advogado de segunda”, disse Trotsky sobre Lênin; “caluniador barato”, “tocador de balalaica”, “amante da pose”, “ambicioso”, revidou este), o que Trotsky, retroativamente, atribuiu à imaturidade e ao “calor” da luta de frações.

Em pleno período de reação política pós-Revolução de 1905, Trotsky precisou o alcance das suas divergências:

Se os mencheviques, partindo da seguinte concepção abstrata: “nossa revolução é burguesa”, chegam à ideia de adaptar toda a tática do proletariado à conduta da burguesia liberal até a conquista do poder por esta, os bolcheviques, partindo de uma concepção não menos abstrata, “a ditadura democrática mas não socialista”, chegam à ideia de uma autolimitação do proletariado, que detém o poder, a um regime de democracia burguesa. É verdade que entre mencheviques e bolcheviques há uma diferença essencial: enquanto os aspectos antirrevolucionários do menchevismo se manifestam desde o presente, em todo o seu porte, aquilo que há de antirrevolucionário no bolchevismo não nos ameaça – mas a ameaça não é menos séria – senão no caso de uma vitória revolucionária. (TROTSKY, 1969, pp. 385-6)

O que admite uma dupla leitura: 1) Trotsky punha o bolchevismo num plano histórico e político superior ao menchevismo; 2) Ele também não deixava de opinar que havia no bolchevismo aspectos antirrevolucionários.

Lênin, do seu lado, em plena guerra imperialista (finais de 1915) acusou Trotsky, apesar de ambos pertencerem à “esquerda de Zimmerwald”, a ultraminoritária fração internacionalista do socialismo internacional:

A teoria original de Trotsky toma emprestado aos bolcheviques o apelo à luta revolucionária decisiva e à conquista do poder político pelo proletariado e, aos mencheviques, a negação do papel do campesinato. Este, parece, dividiu-se, diferenciou-se, e seria cada vez menos apto para ter um papel revolucionário. Na Rússia, uma revolução “nacional” seria impossível, “vivemos a época do imperialismo”, e “o imperialismo não opõe a nação burguesa ao antigo regime, mas o proletariado à nação burguesa”. Eis um exemplo divertido das brincadeiras que podem ser feitas com a palavra “imperialismo”. Se, na Rússia, o proletariado já se opõe à “nação burguesa”, então ela está na véspera de uma revolução socialista. Nesse caso, a “confiscação dos latifúndios” (colocada por Trotsky em 1915) é falsa e não se trata de falar de “operariado revolucionário”, mas de “governo operário socialista”. O grau de confusão de Trotsky se vê na sua afirmação de que o proletariado encabeçará as massas populares não proletárias. Trotsky nem pensa que se o proletariado

consegue levar as massas não proletárias para a confiscação dos latifúndios e a derrubada da monarquia, isso será a realização da “revolução nacional-burguesa”, a ditadura democrático-revolucionária do proletariado e do campesinato. (LÊNIN, 1986b, p. 192)

Lênin concluía que “Trotsky ajuda de fato os políticos operários liberais, os quais, negando o papel do campesinato, recusam levar os camponeses para a revolução”. À luz da obra de Trotsky, pode-se dizer que a acusação de Lênin era falsa, embora se apoiasse em elementos fracos da formulação da “revolução permanente”, que Trotsky precisou em trabalhos posteriores (isto sem falar em que, de fato, a Rússia se encontrava “na véspera de uma revolução socialista”). A própria guerra fez nascer outras divergências: sobre o “derrotismo revolucionário” (que Trotsky, *junto a vários bolcheviques*, não aceitava), sobre os “Estados Unidos da Europa”... Mas o trabalho internacionalista comum, na “esquerda de Zimmerwald”, não deixou de criar os elementos da unidade política futura.

Tudo mudou em 1917, o “ano revolucionário”. Para o historiador estadunidense Richard Pipes, o “Outubro Vermelho foi um golpe de estado clássico, conduzido não pelos soviets, mas pelos bolcheviques” (PIPES, 2008, p. 12). O “governo soviético” “é uma ideia anarquista. É preciso ter um governo. Os bolcheviques, quando perderam apoio popular, simplesmente ignoraram as eleições. Era só um *slogan*. Nunca seria possível governar o país por meio de soviets”. Esse “governo impossível” se sustentou, segundo o autor, graças ao “controle da economia e à máquina de terror político” (PIPES, 2008, p. 12): na medida em que o primeiro é um atributo de qualquer governo, o essencial é o segundo. O problema é que os bolcheviques careciam de qualquer “máquina de terror” (de qualquer força armada) até depois da Revolução de Outubro. Como chegaram, então, ao poder?

A Revolução de Outubro de 1917 foi precedida pela Revolução de Fevereiro. Esta última não foi o fruto da conspiração de qualquer partido político. 1917 foi chamado pelo presidente francês Poincaré o “ano terrível”, o terceiro da Guerra Mundial, depois de um rigoroso inverno europeu. Para milhões de homens, era o fim das ilusões patrióticas de 1914, transformadas em massacres de combatentes em “ofensivas” que custavam centenas de milhares de vidas; dificuldades de abastecimento, com fortes aumentos de preço, atingindo moralmente o operariado de todos os países; a “paz civil”, defendida pelos sindicatos e partidos operários nos países beligerantes, resultara no questionamento de todas as conquistas operárias (ritmos de produção, horários, condições de trabalho, direitos reivindicativos); o desgaste do material, das máquinas, do próprio aparelho econômico, haviam provocado uma crise generalizada. Nos sindicatos e partidos de esquerda, a pequena minoria internacionalista contrária à Guerra, isolada

em 1914, começava a ser ouvida com atenção; os dirigentes operários partidários da “união sagrada” se viam pressionados para adotar posições revolucionárias ou, ao menos, pacifistas.

A Rússia era o país que, de longe, sofrera as piores consequências da Guerra, tornando mais agudas suas contradições históricas: 1) Um imenso Império multinacional, com 174 milhões de habitantes (124 milhões no campo), com uma sociedade caracterizada pelo declínio da Igreja Ortodoxa e da aristocracia rural, base do oficialato, e pela debilidade das classes médias, o que provocava um vazio social entre os grandes proprietários e a massa operária e camponesa. A indústria, principalmente estrangeira, instalada e concentrada em algumas cidades, compreendia três milhões de operários; 2) O problema central era o da terra: só 5% dos camponeses eram proprietários, no máximo, 12% eram “abastados”, os *kulaki*; 40% não tinham meios suficientes para sobreviver; 3) A combinação da revolta camponesa com a miséria operária provocava o que Trotsky já enunciara como “uma guerra camponesa, movimento que caracteriza o alvorecer da sociedade burguesa, com uma insurreição proletária, que caracteriza o seu declínio” (TROTSKY, 1974, p. 47); 4) A Guerra Mundial catalisava a crise histórica do país, pois o estado tsarista não conseguia armar nem alimentar seus 16 milhões de mobilizados. Os pequenos camponeses eram golpeados pela mobilização militar e a requisição do gado, e os salários operários, pelo arrocho e pela carestia. O sistema econômico estava bloqueado. A tática das “ondas humanas” multiplicava as baixas militares, que se elevaram a quatro milhões em três anos. No outono de 1916 começaram as deserções no Exército.

Em inícios de 1917, a Revolução Russa era uma “revolução anunciada”. Em meados de fevereiro houve incidentes diante das lojas de produtos essenciais, em 23 deste mês houve paralisações no “dia das operárias” e, no dia 24, greves com manifestações de rua. As forças repressivas vacilavam. No dia 26, o Exército do tsar atirou contra a multidão, que tentava se confraternizar com os soldados, com um saldo de 40 mortos. À noite, os operários invadiram o centro de Petrogrado, os soldados se revoltaram, o Palácio de Inverno, sede do governo, foi sitiado. Os operários começaram a eleger delegados aos sovietes (conselhos) de fábrica e ao Soviete de Petrogrado.

Com a abdicação do tsar Nicolau II, criou-se uma situação de “duplo poder”: de um lado, o Governo Provisório, constituído pela oposição liberal da Duma (assembleia de poderes limitados), que procurava manter a autoridade do estado e da administração pública; de outro lado, o Soviete de Petrogrado, ao qual se juntaram os sovietes constituídos nos centros industriais do restante do país e, depois, no campo. O ressurgimento dos sovietes (experimentados limitadamente na Revolução de 1905) e o

distanciamento das “instituições democráticas” era produto de uma “longa crise institucional”,

derivada das concessões feitas pela autocracia em 1905 e da tentativa de derrubá-las parcialmente em 1907. A IV Duma, eleita em 1912, tinha uma maioria disposta a colaborar com o governo num programa legislativo. A oposição liberal, porém, não aceitava uma assembleia com poder de vigiar e legislar, mas não de interferir na administração do país; a Duma não possuía a faculdade de controlar as ações do governo, nem poder para indicar ministros (ou seja, para governar) (KATKOV, 1969, p. 83).

Aos olhos do povo, por isso, a Duma carecia de autoridade e legitimidade políticas. Ao Soviete estas sobravam.

No Soviete de 1917, a maioria inicial correspondia aos socialistas moderados (mencheviques, socialistas revolucionários [SR], trudoviques) que defendiam o caráter burguês da revolução, não questionando o estado nem a propriedade capitalista, contentando-se com o “controle” do governo pelos soviets. Os bolcheviques, que inicialmente aprovaram criticamente esta orientação, sofreram uma reviravolta com as *Teses de abril* de Lênin (retornado do exílio na Suíça), que se pronunciaram pelo poder soviético, único capaz de realizar as tarefas políticas urgentes: sair da guerra, terra para os camponeses, fim da fome. *Pão, Paz e Terra: todo o Poder aos Sovietes*. Em pouco tempo, essa orientação convergiu com as aspirações populares: os operários reclamavam aumentos salariais e melhora das condições de trabalho, o controle operário da produção, eleições constituintes e uma paz sem anexações por parte de nenhuma potência beligerante; os camponeses deslançaram mais tarde sua mobilização, que se radicalizou em direção da posse da terra; os soldados manifestavam cada vez mais sua hostilidade à guerra, em especial às operações suicidas e aos castigos impostos pela oficialidade.

No mês de abril, uma crise política favoreceu a política de Lênin, quando o primeiro-ministro Pável Miliukov emitiu uma nota garantindo a continuidade da participação russa na Guerra. Operários e soldados se manifestaram para impor ao Soviete uma atitude intransigente: Miliukov foi obrigado a renunciar, sendo formado um governo de coalizão entre o principal partido burguês (os “democratas constitucionalistas”, KDT) e os partidos socialistas, com a exceção dos bolcheviques. O novo governo fracassou, pois os aliados da Rússia rejeitavam qualquer programa de paz democrática.

Apesar do restabelecimento da disciplina militar, a ofensiva ordenada pelo primeiro-ministro socialista Kerensky foi derrotada em junho. A crise agravou-se, com greves operárias e boicotes patronais; os trabalhadores foram se afastando dos conciliadores e se aproximando dos bolcheviques; a ocupação de terras era combatida pelo governo, o mesmo

acontecendo com as revoltas das nacionalidades alógenas oprimidas do Império Russo (poloneses, ucranianos, bielorrussos, bálticos). Em junho, as manifestações operárias evidenciaram a influência bolchevique e de seu *slogan* “abaixo os ministros burgueses!”. Uma segunda crise aconteceu em julho-agosto. Em Petrogrado os operários se manifestaram contra os ministros burgueses, com uma combatividade que surpreendeu os próprios bolcheviques. Petrogrado, porém, estava isolada: os bolcheviques chamaram a uma pausa na mobilização. A direita explorou o recuo, aproveitando a nova ofensiva militar alemã para lançar uma campanha acusando os bolcheviques de serem agentes do *Kaiser*: o novo governo provisório deteve Trotsky e obrigou Lênin a se esconder na Finlândia, enquanto tentava com uma “Conferência de Estado” criar um contrapeso aos soviets. A extrema-direita (comandada pelo general Kornilov), com a cumplicidade do governo provisório, tentou um golpe militar, esmagado rapidamente pelas massas mobilizadas em greve geral, com grande participação dos soldados.

A tentativa de Kornilov foi a gota d’água, precipitando deserções massivas no *front*, radicalizando a revolução agrária, permitindo a extensão da influência dos bolcheviques nos soviets, nos quais pela primeira vez obtiveram maioria. A guerra continuava, justificando as palavras de Trotsky no *Proletarii* de 24 de agosto de 1917: “Revolução permanente ou massacre permanente! Essa é a luta de cujo resultado depende a sorte da humanidade.”

Em setembro de 1917, os mencheviques e os SR, desejosos de achar parceiros para um governo democrático, perderam o controle da situação. Os bolcheviques tentaram negociar com eles um programa comum, com a condição de que parassem de buscar as benesses dos liberais. Seu “não” definiu também a sorte da ala bolchevique favorável a um governo de coalizão, e também a daqueles que rejeitaram a oferta. A partir de então, a tomada do poder pelos bolcheviques parecia a única saída realista. (LEWIN, 1996, p. 64)

Em outubro, com o declínio da influência dos SR no campo, os bolcheviques haviam conquistado a maioria nos soviets, sobretudo dos seus setores mais dinâmicos. 300 mil soldados e marinheiros de Petrogrado só aceitavam ordens dos soviets bolcheviques. Em contrapartida, o governo contava, na capital, com apenas 30 mil soldados fiéis. Em 16 de outubro, Kerensky tinha transmitido à guarnição militar de Petrogrado a ordem de deslocamento para o *front*; em nome do Soviete, Trotsky a conservou na capital, justificando o descumprimento da ordem com a necessidade de defender a cidade de prováveis ataques alemães.

A permanência da guarnição selou a sorte do governo de Kerensky, esvaziado de base popular e impotente do ponto de vista militar. A manobra de Trotsky foi chamada de “golpe de estado a frio”. Em 24 de outubro, em

desespero, Kerensky ordenou a repressão policial ao Soviete de Petrogrado e ao Partido Bolchevique. No dia seguinte devia iniciar-se o II Congresso Pan-Russo dos Sovietes: o próprio chefe do Governo Provisório forneceu o motivo para sua derrubada. Os operários exigiram o fim do governo de coalizão e medidas imediatas. Lênin enfrentou a batalha no Comitê Central bolchevique onde, contra a oposição de Zinoviev e Kamenev, conseguiu fazer aprovar a insurreição imediata. Esta foi deflagrada em Petrogrado, em 26 de outubro, sob a direção do Comitê Militar Revolucionário do Soviete, presidido por Trotsky. Em questão de horas, os ministérios, repartições públicas e a sede do governo caíram sob o domínio dos “Guardas Vermelhos”. Os combates provocaram uma dezena de mortos e 60 feridos em Petrogrado. A transferência do poder aos soviets se efetuou em poucos dias e com poucos atritos por todo o território do antigo Império (à exceção de Moscou, onde ela custou centenas de mortes). No total, apenas 30 mil homens participaram da luta. Algumas horas mais tarde, o II Congresso Pan-Russo dos Sovietes (com 390 bolcheviques entre seus 673 delegados) aprovou a insurreição e o novo “Governo dos Comissários do Povo”, presidido por Lênin.

Considerar o Partido Bolchevique um fator supra-histórico desse processo seria um erro de análise: a decisão de tomar o poder em outubro, certamente, foi tomada pelo Partido, não pelo Soviete (que a encampou). Cabe caracterizar isto como um golpe, ou cabe acompanhar Edward Hallet Carr, para quem, depois da conquista da maioria bolchevique nas principais guarnições militares, “uma revolução bolchevique era inevitável”? O bolchevismo já controlava, depois de conquistá-las por meio da luta política, as principais alavancas do poder; por outro lado, todos os outros partidos políticos tinham desfilado no governo, sem resolver os urgentes problemas internos e externos do país, no quadro de uma crise revolucionária. O “governo bolchevique” era a única esperança das massas mobilizadas. Era isso, ou o buraco negro da guerra, da miséria e da fome, sem data de vencimento.

A convergência de diversas correntes no bolchevismo, que se produziu durante a Revolução de 1917 foi, em primeiro lugar, *política*: foi devida à luta por constituir o instrumento *político* para levar a Revolução à vitória, o *partido*. Trotsky carecia de partido (o POSDR não passava, fazia tempo, de um fantasma), e Lênin devia lutar contra a *maioria* de seu partido, aferrada, em nome da “ditadura democrática”, ao “apoio crítico” ao Governo Provisório (chegando a propor, como fez Stálin, a unidade política com os mencheviques), o que Lênin chamou de “velho bolchevismo”. O ingresso de Trotsky e de seus partidários no bolchevismo, por minoritários que fossem, não deixou de ser decisivo para a constituição do “novo bolchevismo”. O VI Congresso (setembro de 1917), que materializou a fusão,

teve a presidência de honra de Lênin e Trotsky (ausentes), sendo este último eleito para o CC com 131 de 134 votos possíveis. O ingresso de Trotsky e seus partidários foi central para a realização da “virada histórica” do bolchevismo, que assumiu seu nome definitivo de *Partido Comunista*.

Em julho de 1917, Lênin advertia seu partido sobre a possibilidade de que, diante de uma

virada brusca da história, os mesmos partidos avançados não pudessem, por um período mais ou menos longo, se adaptar à nova situação, repetindo palavras de ordem antes eficazes, mas que depois careceriam de sentido, tanto mais “subitamente” quanto mais súbita fosse a virada histórica. De onde se deduz um perigo: se a virada for muito brusca ou inesperada, e se o período anterior tiver acumulado excessivos elementos de inércia e de conservadorismo nos órgãos dirigentes do partido, este se mostra incapaz de realizar a sua direção no momento mais grave, para o qual havia se preparado durante vários anos ou décadas. A crise o corrói e o movimento se efetua sem finalidade, predestinado à derrota (LÊNIN, 1986b, p. 95).

O bolchevismo correu esse perigo em 1917.

É importante fazer notar que Lênin *convergiu* com a teoria de Trotsky<sup>8</sup> *a partir de sua própria teoria*. Nas *Teses de abril*, o programa histórico da “virada bolchevique”, Lênin partiu da constatação da “conclusão da fase burguesa da Revolução”, para afirmar que “a característica do atual momento histórico na Rússia é determinada pela passagem do primeiro estágio da Revolução, que deu o poder à burguesia devido à insuficiente consciência e organização do proletariado, a seu segundo estágio, que passará o poder para as mãos do proletariado e dos estratos pobres da classe camponesa” (LÊNIN, 1986b, p. 102).

Se o que impedira a tomada do poder pelo proletariado em fevereiro fora só sua insuficiente consciência e organização, isto significava que não existia uma “revolução burguesa nacional” separada por uma etapa histórica da revolução proletária (o que significava admitir o princípio básico da “revolução permanente”). O bolchevismo foi, *graças a isso*, o instrumento político do “segundo estágio” da Revolução. Foi Trotsky, em *Lições de Outubro* (de 1924), quem fez o balanço crítico (e necrológico) da fórmula leninista da “ditadura democrática”:

Inteira e revolucionária e profundamente dinâmica, a colocação do problema por Lênin era radicalmente oposta ao sistema menchevique, segundo o qual a Rússia só podia pretender repetir a história dos povos avançados, com a burguesia no poder e a social-democracia na oposição. No entanto, na fórmula de Lênin, certos círculos de nosso partido não acentuavam a palavra “ditadura”, mas a palavra

---

<sup>8</sup> Como sustentou Abraham Ioffé, dirigente soviético que se suicidou em junho de 1927, em protesto contra a ascensão do stalinismo.

“democrática”, em oposição à palavra “socialista”. Isso significava que na Rússia, país atrasado, só se concebia a revolução democrática. A revolução socialista deveria começar no Ocidente e nós só poderíamos ingressar na corrente do socialismo seguindo a Inglaterra, França e Alemanha. (TROTSKY, 1973a, p. 76)

Enunciada por Lênin e explicitada por Trotsky, a “virada teórica” do bolchevismo ficou explícita no balanço histórico feito pelo próprio Lênin, poucos anos depois da vitória de Outubro:

Para consolidar para os povos da Rússia as conquistas da revolução democrático-burguesa tínhamos que ir mais além, e assim o fizemos. Resolvemos os problemas da revolução democrático-burguesa no decorrer do processo, como um “subproduto” de nossas atividades fundamentais e genuinamente *proletárias*, revolucionárias socialistas. Sempre dissemos que as reformas democráticas – dissemos e demonstramos com os fatos – são um subproduto da revolução proletária, ou seja, socialista. Esta é a relação entre a revolução democrático-burguesa e a revolução proletária socialista: a primeira se transforma na segunda. A segunda resolve de passagem os problemas da primeira. A segunda consolida a obra da primeira. A luta, e apenas a luta, determina *até que ponto* a segunda consegue se impor-se à primeira. (LÊNIN, 1968, p. 485, grifo nosso)

A convergência política se produziu em momentos em que, segundo o memorialista menchevique Sukhanov, “as massas viviam e respiravam com os bolcheviques, estavam inteiramente nas mãos *do partido de Lênin e Trotsky*” (SUKHANOV, 1984, p. 225). Refletindo retrospectivamente, no seu *Diário do exílio*, Trotsky lembrou que:

Aconteciam entre Lênin e eu violentos choques, pois, nos casos em que eu estava em desacordo com ele sobre um problema grave, eu levava a luta até o fim. Esses casos, naturalmente, ficaram gravados em todas as memórias, e os epígonos muito escreveram e falaram dele mais tarde. Mas são cem vezes mais numerosos os casos em que nós nos compreendemos um ao outro com meias palavras, e em que a nossa solidariedade assegurava a passagem da questão no Politburo sem debate. Lênin apreciava muito esta solidariedade. (TROTSKY, 1973b, p. 229)<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Existem os que apontam como significativo que no seu *Testamento* Lênin não tivesse designado Trotsky como seu “delfim”. Isto indicaria uma inconsciência do perigo representado pela ascensão da burocracia stalinista, ou uma censura implícita ao passado “antibolchevique” de Trotsky. Para Jean-Jacques Marie, quando “Lênin solicita (no *Testamento*) que Stálin seja eliminado do cargo de secretário-geral, ele questiona apenas o seu caráter, não o seu valor” (1967, p. 94). Digamos que: a) se Lênin tivesse “designado” Trotsky como seu “sucessor”, teria criado a primeira monarquia socialista da história; b) ainda assim, referiu-se nesse texto a Trotsky como “o homem mais capacitado do CC”, e repudiou os que “usam o seu passado não bolchevique”; c) em um aditivo dois dias

Os acordos, lamentavelmente, deixam menos documentos do que os desacordos. Nos primeiros anos da Revolução (antes da emergência da burocracia stalinista), o bolchevismo não tinha nenhum problema em admitir sua virada de 1917, como o demonstra um artigo de Viacheslav Molotov (posteriormente, alto dirigente stalinista) de 1924:

Deve-se dizê-lo abertamente: o partido não tinha nem a clareza de visão nem o espírito de decisão requeridos pelo momento revolucionário. Não os tinha porque não possuía uma clara atitude de orientação em relação à revolução socialista. Em geral, a agitação e toda a prática do partido revolucionário careciam de uma fundamentação sólida, já que o pensamento ainda não havia avançado até a conclusão audaz da necessidade de uma luta imediata pelo socialismo e pela revolução socialista. (*Apud* MANDEL, 1978, pp. 64-5)

O bolchevismo não foi (só) o produto de um conjunto de individualidades brilhantes e corajosas e de suas lutas políticas e ideológicas, mas da própria história do movimento operário e da Revolução Russa e internacional. Sem esse contexto, ele fica emancipado da história e, portanto, incompreensível.

### ***Referências bibliográficas***

- ANWEILER, Oskar. *Los soviets en Rusia 1905-1921*. Madri: Zero, 1975.
- ATKINSON, Dorothy. *The end of the Russian land commune*. Stanford: Stanford University Press, 1983.
- BALABANOVA, Angélica. *Mi vida de rebelde*. Barcelona: Martinez Roca, 1974.
- BESANÇON, Alain. *Los origenes intelectuales del leninismo*. Madri: Rialp, 1980
- BETTIZA, Enzo. *El misterio de Lenin*. Barcelona: Argos-Vergara, 1984.
- BILLIK, Vladimir I. Entrevista. *Komsomolskaia Pravda*, Moscou, n. 33, ago. 1989.
- BROUÉ, Pierre. *Le Parti Bolchevique*. Paris: Minuit, 1971a.

---

posterior ao documento conhecido como “Testamento”, caracterizou Stálin como “brutal” e reclamou sua exoneração de um cargo para o qual tinha sido nomeado apenas nove meses antes, o de secretário-geral do Partido (o PCUS).

\_\_\_\_\_. “Observaciones sobre la historia del Partido Bolchevique”. In: RUBEL, Maximilien *et al.* *Partido y revolución*. Buenos Aires: Rodolfo Alonso, 1971b.

\_\_\_\_\_. *Trotsky*. Paris: Fayard, 1988.

BUKHÁRIN, Nikolai. *Lenin marxista*. Barcelona: Anagrama, 1976.

CANNAC, René. *Netchaïev, du nihilisme au terrorisme*. Aux sources de la Révolution Russe. Paris: Payot, 1961.

CARR, Edward Hallet. *Estudios sobre la Revolución*. Madri: Alianza, 1970.

COLLETTI, Lucio. A herança de Lênin. *IstoÉ*, São Paulo, 23 maio 1979.

DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky*. El profeta armado. México: ERA, 1976.

DUTSCHKE, Rudi. *Lenin*. Tentativas de poner a Lenin sobre los pies. Barcelona: Icaria, 1976.

FIGUÈRES, Léo. *Le trotskisme, cet antiléninisme*. Paris: Éditions Sociales, 1969.

FOULAN, Pierre (Pierre Fougeyrollas). *Introduction à l'étude du marxisme*. Paris: Selio, s/d.

GORODETSKY, Y. M. *A Revolução Bolchevique*. São Paulo: Abril, 1976.

GRUPPI, Luciano. *O pensamento de Lênin*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HAUPT, Georges. *Lénine, les bolchéviques et la II<sup>e</sup> Internationale. L'historien et le mouvement social*. Paris: François Maspéro, 1980a.

\_\_\_\_\_. *Parti-guide: le rayonnement de la social-démocratie allemande. L'historien et le mouvement social*. Paris: François Maspéro, 1980b.

HILL, Christopher. *Lenin*. Buenos Aires: Ceal, 1987.

HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JOUBERT, Jean Pierre. Lénine et le jacobinisme. *Cahiers Leon Trotsky*, Paris, n. 30, jun. 1987.

KATKOV, George. *Russia 1917*. La Rivoluzione di Febbraio. Milão: Rizzoli, 1969.

KRUPSKAYA, Nadeshda. *Mi vida con Lenin*. Barcelona: Mandrágora, 1976.

LANE, David. *Las raíces del comunismo ruso*. Un estudio social e histórico de la socialdemocracia rusa 1898-1907. México: Siglo XXI, 1977.

LE BLANC, Paul. Lénine et Rosa Luxemburg sur l'organisation révolutionnaire. *Cahiers d'Étude et de Recherche*, Paris, n. 14, 1990.

- LÊNIN, V. I. *Oeuvres* v. VI, Paris: Éditions Sociales, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Obras completas* v. XXXV. Buenos Aires: Cartago, 1968.
- \_\_\_\_\_. “Prefazione alla raccolta ‘Na 12 Let’”. In: *Che Fare?* Turim: Einaudi, 1971.
- \_\_\_\_\_. “Que fazer?”. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa Ômega, 1986a.
- \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa Ômega, 1986b.
- \_\_\_\_\_. Tarefas urgentes do nosso movimento [1900]. Disponível em: <<http://www.primeiralinha.org/destaques10/tarefas.htm>>, acessado em 21 maio 2017.
- LEWIN, Moshe. Illusion communiste ou réalité soviétique? *Le Monde Diplomatique*, Paris, dez. 1996.
- LUXEMBURGO, Rosa. *Partido de massas ou partido de vanguarda*. São Paulo: Ched, s/d.
- MAKHAÏSKI, Jan Waclav. *Le socialisme des intellectuels*. Critique des capitalistes du savoir. Paris: Spartacus, 2014.
- MANDEL, Ernest. *Sobre la historia del movimiento obrero*. Barcelona: Fontamara, 1978.
- \_\_\_\_\_. *A teoria leninista da organização*. São Paulo: Aparte, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Trotsky como alternativa*. São Paulo: Xamã, 1995.
- MARIE, Jean-Jacques. *Staline*. Paris: Seuil, 1967.
- MARX, Karl. Rascunhos da carta à Vera Zaslitch de 1881. *Raízes*, Campina Grande, n. 1 e 2, v. 24, pp. 110–123, jan./dez. 2005.
- MOUROUSY, Paul. *Lénine*. La cause du mal. Paris: Perrin, 1992.
- PANKRATOVA, Ana M. *Los Consejos de Fábrica en la Rusia de 1917*. Barcelona: Anagrama, 1976.
- PEARCE, Brian (Org.). *Minutes of the Second Ordinary Congress of the RSDLP (1903)*. Londres: New Park, 1978.
- PIPES, Richard. *História concisa da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- RADEK, Karl. *Las vías y las fuerzas motrices de la Revolución Rusa*. Madri: Akal, 1976.
- REED, John. Como funcionam os soviets. *Cadernos de Campanha*, s/l, n. 2, abr./maio 1976.
- SETTEMBRINI, Domenico. “Leninismo”. In: BOBBIO, Norberto *et al.* *Dicionário de política*. Brasília: UnB, 1986.

SHAPIRO, Leonard. “Bolcheviques”. In: KERNIG, C. D. *Marxismo y democracia*. Historia v. 2. Madri: Rioduero, 1975.

STÁLIN, Joseph. *Sobre os fundamentos do leninismo*. Rio de Janeiro: Calvino, 1945.

STRADA, Vittorio. “A polêmica entre bolcheviques e mencheviques sobre a Revolução de 1905”. In: HOBBSAWM, E. J. (Org.). *História do marxismo* v. III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SUKHANOV, Nikolai N. *The Russian Revolution 1917*. A personal record. Nova Jersey: Princeton University Press, 1984.

TROTSKY, Leon. “Tres concepciones de la Revolución Rusa”. In: *Balance y perspectivas*. Buenos Aires: El Yunque, 1974.

\_\_\_\_\_. “Nos différends”. In: 1905. Paris: Minuit, 1969.

\_\_\_\_\_. *Nos tâches politiques*. Paris: Pierre Belfond, 1970.

\_\_\_\_\_. “Lecciones de Octubre”. In: *De Octubre Rojo a mi destierro*. Buenos Aires: Baires, 1973a.

\_\_\_\_\_. *Ma Vie*. Paris: Gallimard, 1973b.

\_\_\_\_\_. “Classe, partido y dirección”. In: *Bolchevismo y stalinismo*. Buenos Aires: El Yunque, 1975a.

\_\_\_\_\_. *Resultados y perspectivas*. Buenos Aires: El Yunque, 1975b.

\_\_\_\_\_. *Diário do exílio*. São Paulo: Edições Populares, 1980.

\_\_\_\_\_. “Autobiografía”. In: *El testamento de Lenin*. Buenos Aires: El Yunque, 1983.

\_\_\_\_\_. *Stálin*. São Paulo: Editoria Livraria da Física, 2012.

ULAM, Adam B. *Os bolcheviques*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

VOLKOGONOV, Dimitri. *Staline*. Paris: Robert Laffont, 1994.

\_\_\_\_\_. *Le vrai Lénine*. Paris: Robert Laffont, 1995.

\_\_\_\_\_. *Trotsky*. The eternal revolutionary. Nova York: The Free Press, 1996.

YASSOUR, Avraham. Leçons de 1905: Parti ou Soviet? *Le Mouvement Social*, n. 62, Paris, jan./mar. 1968.

ZINOVIEV, Grigorii. *History of the Bolshevik Party*. From the beginnings to February 1917. Londres: New Park, 1973.

Recebido: 10 de fevereiro de 2017

Aprovado: 12 de maio de 2017